

**RESENHA – ALTER, ROBERT. A ARTE DA NARRATIVA  
BÍBLICA. CIA. DAS LETRAS, 2007.**

Suzana Chwartz\*

**E**m seu livro *A arte da narrativa bíblica*, Robert Alter, conceituado crítico literário norte-americano, vai além da análise das estruturas formais para uma compreensão mais profunda dos valores e da perspectiva moral contida nas histórias da Bíblia Hebraica.

Muito bem escrito e traduzido – misturando erudição e clareza – a leitura do livro é um convite a mergulhar nas dimensões da arte narrativa desse livro essencial. Esta é analisada no emaranhado das construções intelectuais e elaborações de idéias de textos separados de nós por três milênios.

A fim de penetrar em sua profundidade, o autor faz uso do lastro teórico da crítica literária como base para desenvolver uma sensibilidade criativa, que constitui seu principal instrumento de análise.

Sua abordagem, que pretende analisar os textos diacrônica e sincronicamente, busca sempre fugir dos critérios rígidos e dos ensinamentos teóricos exaustivos impregnados do paternalismo da cátedra – e dirigidos apenas para os críticos literários ou estudiosos da Bíblia – e desafia o leitor a reaprender a ler, deixando o texto fluir em sensações, e decifrar seu jogo de sentidos e forma.

---

\* Suzana Chwartz é professora de Estudos da Bíblia Hebraica no Departamento Línguas Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

Alter investe na compreensão dos contextos intelectuais e artísticos da produção de um ideário multifacetado, forjado por meio da articulação de personagens e narrativas heterogêneas, proporcionando uma leitura essencialmente diferente daquela que considera a Bíblia um texto uniforme e dogmático.

Na tentativa de explicar a inventividade, sutileza e profundidade de vários contos bíblicos, o autor expõe analiticamente a arte da narrativa – que parece simples à primeira vista, mas que se revela surpreendentemente complexa à medida que é decifrada, e que constitui, na opinião do autor, um exemplo magnífico das grandes possibilidades do recurso narrativo.

Professor de Literatura Bíblica e Comparada na Universidade da Califórnia, Berkeley, Alter é hoje considerado uma figura de relevo no âmbito dos estudos literários da Bíblia Hebraica, e define a si próprio como *arqueólogo literário*, cujas escavações pretendem conduzir os leitores modernos da Bíblia a desenvolver uma percepção para elementos artísticos e narrativos que governam o relato bíblico, e aprender a lê-lo como histórias artisticamente conformadas.

O livro que temos em mãos é seu primeiro estudo sobre literatura bíblica, editado em 1980, a partir da reunião de uma série de palestras e ensaios, e gravita em torno do argumento de que, quando se ajusta o foco literário, as histórias bíblicas – uma trama complexa de ficção, história nacional e teologia – revelam sutileza, complexidade e inventividade.

É importante sublinhar que não se trata de uma sobreposição simplista de uma ou outra teoria literária moderna a textos antigos, não rara de encontrar nos meios acadêmicos, ou exercícios literários onde o pesquisador dedica um espaço excessivo a pormenorizar o óbvio, mas uma análise crítica rigorosa e minuciosa da dinâmica própria do texto, suas convenções e características técnicas particulares.

A escola que desenvolve a abordagem literária da Bíblia, representada por professores de renome internacional como Northrop Frye, Meir Weiss, Meir Sternberg e Adele Berlin, entre outros, propõe analisar a narrativa bíblica como prosa de ficção, o que implica enfatizar a

qualidade artística e o espírito lúdico de um corpo de textos geralmente tratado pela ótica da teologia, da filologia e da crítica histórica.

Segundo essa abordagem, as histórias da Bíblia não são historiografia, mas uma recriação imaginativa da história feita por um ou vários escritores talentosos que organizaram os materiais disponíveis, muitos dos quais eram tradições orais milenares, segundo eixos temáticos.

No decurso desse processo criativo – que recria o real através do filtro da subjetividade – a combinação entre ficção e história permitiu aos escritores bíblicos propor uma nova dimensão para a narrativa histórica, incorporando valores de uma forma que ressalta uma das qualidades mais significativas da Bíblia: a presentificação do relato e sua relevância atemporal.

Partindo da premissa básica de que o Deus de Israel é, acima de tudo, o Deus da história, supõe-se que a realização de seus desígnios na história seja um processo que suscita nos israelitas antigos um interesse fundamental pela natureza concreta e diferenciada dos fatos históricos.

Todos os críticos literários da Bíblia reconhecem, no entanto, que a limitação de suas análises reside no fato de o escritor bíblico seguir uma lógica que não podemos mais apreender, e de a narrativa bíblica ser uma obra compósita, escrita a muitas mãos, em diferentes períodos históricos, para atender a diferentes requisitos de gênero e de tema, o que se contrapõe ao conceito de texto unitário, fundamento da abordagem literária.

Por essa razão, a crítica literária da Bíblia se nutre mais dos comentários tradicionais dos exegetas judeus da Antiguidade e da Idade Média do que dos estudos modernos, uma vez que partilha da suposição de que o texto forma uma unidade que contém interligações – como pensavam os exegetas – e refuta a hipótese de que se trata de uma colcha de retalhos de documentos não raro díspares, como pretendem muitos pesquisadores modernos.

Os exegetas *midrashistas*, seguros da interligação entre os textos, prestaram atenção a pequenos sinais verbais de continuidade e de nuance lexical, no estilo do *close reading* atual.

O *midrash*, no entanto, opera uma leitura didática e pontual das narrativas bíblicas, ao contrário da abordagem literária, que mantém a relação com a totalidade da história narrada, percebendo as narrativas como uma história que se desenvolve de modo coerente, na qual o significado de informações anteriores vai se enriquecendo progressiva e sistematicamente pela adição de dados subsequentes.

A abordagem literária se diferencia da abordagem hermenêutica da Bíblia, principalmente porque não crê que todos os detalhes e inflexões dos personagens e do enredo possam ser justificados em termos morais e teológicos ou nacionais e históricos.

De um lado, os escritores têm consciência constante de estar contando uma história no intuito de revelar a verdade imperativa das obras de Deus. Do outro, lhes parece importante assinalar que a imaginação literária tem seu próprio ímpeto, mesmo na tradição de escritores tão imbuídos de propósitos teológicos. O jogo literário da ficção, na opinião de Alter, teria o efeito de ampliar, e não de estreitar, a gama de significados do texto.

A técnica de leitura cerrada do texto evidencia ao leitor moderno a liberdade do escritor bíblico para manejar os materiais herdados e definir motivos, relações e desdobramentos temáticos.

É o caso dos capítulos iniciais do Livro do Gênesis, onde Adão e Eva não são figuras fixas da lenda ou do mito, mas são delineados pela imaginação particularizante do escritor, que inventa para o casal um diálogo curto, mas profundamente revelador, e por meio de várias estratégias de apresentação que ele adota para relatar seus atos imemoriais.

Em vários momentos de seu livro, Alter refuta o argumento de que o caráter literário da Bíblia é apenas uma de suas várias tendências (*megamot*), como propõem Meir Sternberg e Menakhem Perry; antes, ele se alinha a Joel Rosenberg na concepção de uma fusão completa de uma arte literária com um modo teológico, moral ou histórico-filosófico de ver o mundo, sendo que a plena percepção do segundo depende da primeira.

Alter sugere que os escritores bíblicos buscavam revelar, mediante o processo narrativo, a realização dos propósitos divinos nos

acontecimentos históricos, um processo acionado por dois pólos de tensão dialética: de um lado, a tensão entre o propósito divino e a natureza desordenada dos fatos reais, de outro, a tensão entre a vontade de Deus e a liberdade humana.

Em sua análise dos textos, Alter busca demonstrar que a profundidade com que a natureza humana é imaginada na Bíblia se deve ao fato de o texto bíblico imaginar o homem como enredado no jogo poderoso dessa dupla dialética de desígnio e desordem, providência e liberdade.

Para ele, os escritores bíblicos, mesmo motivados por um senso de elevado propósito teológico, se entregaram aos vários prazeres da invenção e da expressão, dotados de uma vocação ficcional magnífica.

É sabido que os escritores bíblicos figuram entre os pioneiros da prosa de ficção na tradição literária ocidental. É um fenômeno peculiar e culturalmente significativo que, entre os povos antigos, somente Israel tenha escolhido expressar suas tradições nacionais em prosa.

Alter comenta que o historiador Shemaryahu Talmon já havia observado que Israel cultivou, de caso pensado, a prosa em substituição ao gênero épico, que, por seu conteúdo, estava ligado ao mundo do paganismo e parece ter tido um lugar importante nos cultos politeístas, quando a recitação dos poemas épicos equivalia a uma reencenação de eventos cósmicos à maneira da magia simpática.

Para Talmon, a escrita bíblica recusou a estabilidade estável do mundo mitológico, de uma humanidade confinada a um conjunto de hierarquias predeterminadas, e se abriu à indeterminação e à ambiguidade para se aproximar das incertezas da vida.

Um dos objetivos fundamentais das inovações técnicas promovidas pelos antigos israelitas teria sido promover esta indeterminação de sentido, empregando a representação ficcional como meio de introduzir elementos complicadores do significado, especialmente quanto às causas da ação, às qualidades morais e à psicologia dos personagens.

Qualquer leitura do texto bíblico expõe o fato de a teologia da Bíblia impor à narrativa um realismo psicológico e moral denso, pela simples e irrefutável razão de que os desígnios de Deus estão sempre entrelaçados à história humana.

Alter demonstra que esmiuçar os personagens bíblicos como figuras de ficção nos permite ver mais nitidamente os aspectos contraditórios e as múltiplas facetas de sua individualidade humana, que é o meio escolhido pelo Deus bíblico para seu experimento com Israel e com a história. E conclui que a razão para a criação desse método flexível de construir narrativas foi o tipo de conhecimento que ele possibilitava.

Para ele, o escritor da ficção dispunha de uma elasticidade técnica para representar seus personagens a partir de uma linguagem capaz de refletir sua individualidade absoluta, podendo mover-se agilmente entre o resumo lacônico e a representação cênica graças à capacidade de penetrar nas emoções de seu personagem.

Tomemos por exemplo os patriarcas e matriarcas de Israel, sem dúvida figuras do antigo folclore hebreu, desenvolvidas posteriormente por escritores bíblicos. Os autores transformam esses enredos arquetípicos numa interação dramática de personagens complexos e explorados em profundidade.

Para Alter, essas narrativas são “historicizadas” tanto porque são apresentadas como parte de nexos causais em circunstâncias históricas bem conhecidas, quanto porque têm algo do caráter irregular e metonímico de uma concatenação histórica de fatos reais, ou seja, são *obras de ficção porque os arquétipos nacionais assumem os contornos distintivos de seres humanos individuais*, na definição de Herbert Schneidau.

Alter observa como a narrativa bíblica constitui um exemplo particularmente instrutivo do nascimento da ficção, pela transição do enunciado genérico, da lista genealógica, do sumário dos personagens e atos à cena delineada e à interação concreta dos personagens.

Ao especificar detalhes narrativos e inventar diálogos que individualizam os personagens e dão foco a suas relações, os escritores bíblicos conferiram aos acontecimentos que relatam um tempo e lugar ficcionais.

O escritor bíblico se revela como um mestre do diálogo na literatura, em textos onde a especificação das circunstâncias exteriores, o cenário e as ações se restringem ao mínimo necessário e boa parte do sentido se concentra no discurso.

A preferência bíblica pelo discurso direto é tão evidente que o pensamento é apresentado como um monólogo interior, e a cena bíblica é quase inteiramente concebida como comunicação oral. A dinâmica da narrativa bíblica estabelece a primazia do diálogo, com o predomínio da narração via diálogo.

O amplo emprego do diálogo e do monólogo interior é o recurso no qual Alter baseia sua explicação para o fato surpreendente de que textos tão lacônicos tenham produzido figuras como Rebeca, Jacó, José, Judá, Tamar, Moisés, Saul, Davi e Rute, personagens que, mais além do papel arquetípico, ficam gravados de maneira indelével na imaginação de centenas de gerações como individualidades tão vivas.

O discurso bíblico espelha um equilíbrio instável, que pode se alterar a qualquer momento, o que confere a imprevisibilidade da vida real à vida virtual e combina o realismo de um protagonista histórico com a profundidade psicológica e os contornos de um personagem ficcional. Em sua análise de textos do livro de Reis e Samuel, Alter demonstra como o diálogo é capaz de criar ambigüidades tanto pelo que é dito quanto pelo que é silenciado.

A deliberada seleção de meios e as estratégias técnicas contrastivas ou comparativas usadas na caracterização dos personagens bíblicos são, em sua opinião, ditadas pela visão bíblica do homem: um ser muitas vezes imprevisível, até certo ponto impenetrável, que constantemente emerge das sombras da ambigüidade e para elas retorna.

Há, no entanto, um personagem bíblico que jamais é esquivo ou ambíguo: o narrador. Sempre onisciente, despoja-se de sua história pessoal e das marcas de sua identidade individual para dotar sua narrativa de uma amplitude divina, capaz de abarcar o próprio Deus.

Se, por um lado, a realidade humana é ilustrada através de um labirinto de antagonismos, de inversões e enganos, existe um horizonte de conhecimento perfeito na narrativa bíblica, insinuada de forma reticente e fragmentada pelo narrador.

A arte da narrativa bíblica está ligada ao uso inventivo e cuidadoso de técnicas que são identificadas e analisadas pelo autor: a utilização de palavras-chave temáticas; a reiteração de motivos; a sutil definição

de personagens e relações pelo diálogo; a exploração, principalmente no diálogo, da repetição literal e da variação significativa; as mudanças de posição do narrador – da reticência estratégica e sugestiva à eventual síntese consicente; – o uso ocasional da montagem de fontes diferentes para captar a natureza multifacetada do sujeito ficcional.

Um dos traços mais salientes da arte narrativa bíblica é a repetição de certas palavras – chave que se tornam índices temáticos por sua recorrência em momentos cruciais, como notaram Martin Buber e Franz Rosezweig, nos prefácios a sua tradução alemã da Bíblia. Eles chamaram esta convenção de *leitwortstil*, termo cunhado a partir da idéia musical do *leitmotiv*.

A maioria das traduções ocidentais traduz a mesma palavra por vários equivalentes, mutilando gravemente o texto e seus sentidos.

Alter demonstra como a estratégia típica da Bíblia é acentuar explicitamente a repetição verbal através de um sistema integrado de repetições, algumas baseadas na recorrência de fonemas, palavras ou pequenas frases, outras ligadas a ações, imagens e idéias que fazem parte do universo imaginativo da Bíblia e têm o objetivo de enunciar e desenvolver significados morais, históricos, psicológicos e teológicos da história.

A estrutura da história é composta por um conjunto de técnicas de repetição cuidadosamente orquestradas, onde nenhum gesto ou ato é acidental e a seqüência de eventos nunca é fortuita; os episódios vividos pelos protagonistas bíblicos são portadores de significados enfatadamente sublinhados, a *leitwort* sendo um dos grandes instrumentos de ênfase.

No que diz respeito à linguagem, as análises de Alter enfatizam que esta é sempre um componente integral e dinâmico – uma dimensão dominante – do que está sendo narrado e nunca é concebida como um adorno estético desses acontecimentos.

Mas o texto bíblico, assim como o conhecemos hoje, apresenta discontinuidades, duplicações e contradições que não se harmonizam facilmente com a hipótese acerca da unidade literária.

Para defender sua hipótese de que a narrativa composta é uma técnica deliberada por parte do escritor/redator bíblico, habituado a

cortar, juntar e montar com extrema perícia materiais literários anteriores, Alter se baseia na explicação dos exegetas de que o relato duplicado tem o objetivo de ressaltar duas dimensões distintas do mesmo assunto. Ele compara o processo de incorporação na seqüência narrativa bíblica ao da montagem cinematográfica, quando a justaposição de dois planos independentes sugere um jogo dinâmico entre duas representações diferentes de um objeto.

Alter conclui que o objetivo do escritor bíblico, ao apresentar em seqüência duas versões diferentes do mesmo assunto, era obter um efeito de verdade multifacetada e não a fusão de pontos de vista em um único enunciado.

O autor crê que uma compreensão mais profunda da dimensão artística da narrativa bíblica, no que diz respeito à repetição de cenas, pode se dar por meio da análise exaustiva do que foi cognominado (a partir do estudo das epopeias gregas por Walter Arend em 1933) de cena-padrão, convenção literária amplamente empregada na Antigüidade, que consiste em uma composição reiterativa.

Apesar de aplicar tal convenção à narrativa bíblica com ressalvas – uma vez que a cena-padrão implica detalhes descritivos, e a Bíblia não é descritiva – Alter aponta para uma série de episódios recorrentes na vida dos heróis bíblicos que são análogos às cenas-padrão dos poemas homéricos, na medida em que dependem de uma constelação fixa de motivos predeterminados.

Na Bíblia, como sabemos, uma mesma história é contada duas ou três vezes com personagens diferentes ou com o mesmo personagem em circunstâncias diferentes. Por três vezes um patriarca é compelido pela fome a fugir para o sul, onde faz sua esposa passar por sua irmã.

A cena-padrão bíblica não transcorre na prática dos rituais da existência cotidiana, mas em situações críticas da vida dos heróis, como, por exemplo, o nascimento do herói à mãe estéril; o encontro com a futura noiva perto de um poço; a epifania no campo; os perigos no deserto.

Segundo Alter, a cena-padrão não é uma simples maneira de reconhecer formalmente uma espécie particular de episódio narrativo,

mas também um meio de ligar esse episódio a um padrão de significado histórico e teológico maior.

Assim, se Isaac e Rebeca – como o primeiro homem e a primeira mulher oriundos da aliança de Deus com Abraão e sua descendência – propiciam alguns traços paradigmáticos para o destino histórico de Israel, qualquer associação de figuras posteriores com os momentos críticos dessa primeira história – casamento, prova no deserto, enunciação da bênção – tratá implicitamente uma conexão de sentido, algum desdobramento da aliança original.

Fiel ao fio condutor de suas análises, Alter argumenta que esta convenção serve a um propósito monoteísta: reproduzir na narrativa o ritmo recorrente de um destino designado por Deus. Da mesma forma, a supressão total de uma cena-padrão, esperada pelo público, pode ser uma estratégia intencional de caracterização de personagens e temas, como é o caso de Davi e suas relações com suas esposas, inusitadas e ambíguas.

Alter argumenta que, para entender uma arte narrativa tão avessa a adornos e comentários, como a bíblica, tem-se de estar constantemente alerta para duas características: o uso repetido da analogia narrativa, por meio da qual uma parte do texto faz comentários indiretos a outro, e a função ricamente expressiva da sintaxe. Dirigir a atenção a esses atributos, seguindo ele, conduz a uma leitura mais precisa das histórias bíblicas.

Como os autores bíblicos tendem a evitar modos explícitos de julgar personagens e atos, as analogias, em que uma parte da história comenta outra parte, têm papel crucial. O autor focaliza o episódio onde Jacó engana o pai cego: o fato só é comentado vários capítulos depois, por meio de uma analogia com outra inversão, onde ele próprio é enganado no escuro, deitando-se com Lia ao invés de Raquel.

Na perspectiva bíblica, há uma cadeia causal que vincula fortemente todos os episódios, e Alter demonstra como a analogia reforça esse senso de conexão causal: o que acontece com Jacó decorre do momento em que ele compra o direito de primogenitura; esse fato já fora prefigurado na luta intra-uterina entre os gêmeos e se desdobra na

bênção roubada, em seus confrontos com suas esposas – irmãs e rivais – com seu sogro, com o anjo e, finalmente, com seus filhos.

As perspectivas dessas narrativas se complementam ou se complementam mutuamente.

Com a mais rigorosa economia de meios, a Bíblia Hebraica nos oferece uma das melhores histórias jamais contadas. A narrativa bíblica é lacônica e calculada, mas nunca de modo automático; é nos movimentos do diálogo, na escolha exata de palavras e detalhes, no ritmo da narração que a visão religiosa da Bíblia e a individualidade dos personagens adquirem profundidade e sutileza.

Nesse seu primeiro estudo, Robert Alter nos conduz a uma decifração dessa arte, com um misto de técnica e emoção: *senti felicidade e prazer em estudar esses textos* – ele afirma na conclusão do livro, confidando a sensação do leitor de que estudar a Bíblia é essencialmente um ato amoroso – uma maneira de conhecer e amar – que, no hebraico bíblico, são a mesma coisa.